

Alunas Algumas histórias

Mais do que uma teoria educacional, o programa Alunos Residentes gera lições de vida. Situações inusitadas, dramáticas ou líricas – criadas por crianças que engendram novas relações com seus pais físicos e sociais e o pessoal da escola – fazem parte do cotidiano da equipe do projeto, que recolhe e registra as histórias. Estas vivências mostram a verdadeira face dos alunos residentes.

Álvaro que é Roberto

Álvaro fugiu da casa da madrasta e pediu abrigo na casa de Gilberto, um colega de Ciep. Como a madrasta não o recebeu de volta, foi para a residência do Ciep. Lá se descobriu que seu verdadeiro nome era Roberto. Sem saber como obter o registro verdadeiro de nascimento, alguém se apiedou dele e conseguiu-lhe uma certidão falsa para poder matriculá-lo na escola. O caso foi levado à Defensoria Pública e a mãe do seu colega Gilberto está assumindo a guarda de "Álvaro". Vai adotá-lo formalmente. Enquanto isso, na residência do Ciep, ele se prepara para, aos 12 anos, ter, enfim, um nome e uma família.

O fim do silêncio

Depois de dois anos estudando no Ciep, José continuava se comunicando basicamente aos gritos, articulando poucas palavras. Ele e seus irmãos Waldir e Waldo cresceram num clima de violência e pobreza: o único parente é a mãe, doente mental. Depois de uma crise da mãe, tornaram-se alunos residentes. José passou a ser mais atento. Um dia, ao fazer um desenho, redescobriu a fala e disse: "Isso aqui é a bola. E olha a flor que eu fiz..."

Residência temporária

Sulivam e Suelen, de seis e sete anos, quase foram parar num internato. A mãe trabalhava em vendas e não tinha hora certa de voltar para casa. A avó estava muito cansada e propôs interná-los. A mãe não quis e procurou a diretora-adjunta do Ciep.



A casa ajuda a dar segurança ao aluno residente

Os dois foram alunos residentes por algum tempo e depois voltaram para casa, pois a mãe já tinha solucionado seu horário de trabalho. Hoje, a mãe leva-os diariamente de bicicleta para as aulas no Ciep.

Decisão

"Arranjei coragem e mandei ele embora", disse a mãe de Júlia, menina que chegou à residência do Ciep muito maltratada. Com dez anos, nunca havia ido à escola. Seu padrasto abusara sexualmente dela e a mãe, com mais quatro filhos, voltara-se contra Júlia.

O trabalho com a mãe, durante a permanência de Júlia na residência, deu resultados. Ela se assumiu como mulher e como mãe. Mandou o companheiro embora e hoje assiste os filhos que continuam tendo aulas no Ciep. Trabalha e está conseguindo, junto à Igreja, um local melhor para morar.

Por pouco

Wanda, 14 anos, fugiu da casa da tia, por quem fora criada, e foi encontrada numa casa de prostituição pelo Juizado de Menores que a encaminhou para a residência do Ciep. Durante três meses ficou lá, enquanto era feita a sua reaproxima-

ção com a família. Hoje voltou a morar com a mãe e vai bem nos estudos.

Esforço

José Carlos, de 13 anos, vivia abandonado, dormindo nos trens. Sua mãe e o padrasto o abandonaram. "Ele é um marginal. O seu destino é levar um tiro e não quero ele lá em casa", dizia o padrasto.

José foi para a residência do Ciep e era bastante agressivo. Comia compulsivamente e tinha grande necessidade de se fazer notado. Uma irmã mais velha se dispôs a ficar com ele, mas só nos finais de semana. José Carlos foi se apegando aos pais sociais e, a partir daí, começou a mudar. Já é evidente o esforço que faz para melhorar nos estudos e na convivência.

As três irmãs

A mãe de Rita, Teca e Diana garimpava lixo para sobreviver. As meninas eram tristes, sujas, principalmente Diana que, aos oito anos, parecia um bichinho, gritando e se arrastando. Não estudavam, antes de irem para a residência do Ciep. "Você vai bater n'eu?", perguntava Diana sempre que a chamavam. Hoje, as irmãs já sorriem. E a mãe não cata mais lixo: trabalha como diarista.

Elias Fajardo